

Um porco no elevador

Telefoto de Marcos Alvarenga

Em Minas, tudo é possível no Posto do Inamps

BELO HORIZONTE — Instalado no anexo da Santa Casa, o Posto Médico de Urgência (PMU) desta Capital recebe milhares de pessoas pobres por dia. Sem recursos, os médicos são obrigados a misturar todos os tipos de pacientes — aidéticos ficam ao lado de pessoas com simples resfriados. E são comuns as cenas grotescas: pode-se encontrar, por exemplo, um enorme porco morto sendo transportado pelo mesmo elevador por onde sobem e descem cadáveres, refeições, roupa suja e lixo hospitalar.

Foi no PMU, nos últimos 20 dias, que morreram oito das dez vítimas da falta de atendimento. O estado do prédio é tão precário que falta água em quatro dos sete consultórios, não há lençóis nas camas, os equipamentos existentes são apenas os de primeiríssima necessidade, os medicamentos escasseiam e, na pequena sala de cirurgia, de um buraco embaixo da pia, pode-se ver o corredor onde os pacientes aguardam atendimento sentados em bancos de cimento.

O quadro diário do PMU — conhecido como "Fila da Morte" — é o da desolação: os pacientes em estado grave são obrigados, muitas vezes, a esperar até três dias por uma vaga nos hospitais credenciados. Neste período, os médicos não podem realizar uma simples transfusão de sangue, pois não há banco de sangue.

Há cinco anos não se faz nenhuma nova contratação no PMU, apesar de 50 médicos já terem se afastado nesse período. Nos consultórios, equipados com uma cama, uma mesa e uma pia, a média de permanência do doente é de três minutos. E, na maioria das vezes, o doente sai sem saber do que sofre.

— Ele tirou a pressão do meu pai e disse que ele precisa se in-



O porco morto no PMU de Minas

ternar. Meu pai não sente as pernas nem um braço, mas o médico não me disse o que era — contava Alberto De Souza, que empurrava uma cadeira de rodas com o seu pai, Joaquim Filismino, de 85 anos. A consulta durou quatro minutos.

Para o Presidente do Sindicato dos Médicos de Minas. Roberto Assis Ferreira, as más condições de trabalho e os baixos salários são os principais motivos da negligência médica. Segundo ele, o próprio sistema de saúde pública condiciona o profissional ao erro médico.

— Fere a ética clinicarmos nestas condições. O médico trabalha desiludido, o que o leva ao erro — disse ele.

Os inquéritos para apurar as mortes no PMU prosseguem. Taís Fiúza, de dois anos, morreu dia 2, vítima de pneumonia, 48 horas após ter sido medicada. O médico João Carlos da Cruz, que a atendeu, é acusado de negligência, mas ele acusa os pais da menina de suspenderem a medicação, recorrendo ao curanderismo.